



DIREITOS CIVIS

Quando amar é proibido

Mais do que tabu, a homossexualidade é considerada um crime em países islâmicos, passível de pena capital. Primeiro cidadão do Catar a se assumir gay fala ao **Correio** sobre o risco que os ativistas LGBTQIA+ correm na nação que sediou a Copa

» RODRIGO CRAVEIRO

No Catar e em outros países árabes, assumir a homossexualidade é um fardo duas vezes mais pesado do que no Ocidente. Como se não bastassem o preconceito e a discriminação, os Estados que professam o islamismo criminalizam as relações homoafetivas. Durante a Copa do Mundo, as autoridades catarianas baniram dos estádios qualquer menção a símbolos da causa LGBTQIA+. Ainda assim, houve quem ousasse desafiar os anfitriões. Os jogadores da seleção da Alemanha levaram as mãos à boca ao posarem para a foto oficial, antes da primeira partida. O jogo entre Portugal e Uruguai foi interrompido pelo italiano Mario Ferri, que invadiu o gramado segurando a bandeira com as cores do arco-íris. O maior evento de futebol do planeta abriu os olhos da comunidade internacional e estimulou um debate sobre a homossexualidade no islã.

O médico Nas Mohammed, 35 anos, foi o primeiro cidadão do Catar a se assumir gay, a lutar pelo ativismo LGBTQIA+ e a denunciar Doha pelas violações aos direitos dos homoafetivos. Em 2011, ele mudou-se para São Francisco, nos Estados Unidos, onde pediu asilo quatro anos depois — em 2017, foi contemplado pelo benefício. Nas tem ajudado outros catarianos LGBTQIA+, apesar dos riscos que isso representa. “Tenho colocado pessoas de minha comunidade em contato com documentaristas alemães e britânicos e denunciado abusos dos direitos humanos à organização não governamental Human Rights Watch (HRW)”, explicou Nas ao **Correio**, por telefone.

“Ser uma pessoa LGBTQIA+ no Catar significa que parte de sua vida precisa ser mantida em segredo. Caso contrário, você estará em perigo”, advertiu o médico. “Os catarianos gays não querem se expor e temem uma série de consequências por assumirem sua orientação sexual. Elas incluem rejeição social, incapacidade de conseguir um emprego e serem alvos de violência por parte de familiares e de membros da sociedade. Mas também de sofrerem represão das **forças de segurança**”, acrescentou. No Catar, de acordo com a HRW, suspeitos de homossexualidade são capturados e submetidos

Arquivo pessoal



Nasser (Nas) Mohamed mostra bandeira do Proud Maroons, um grupo de torcedores LGBTQIA+ do Catar criado por ele

Prisão ou apedrejamento

O Código Penal do Catar, criado em 2004, funciona como uma interpretação da sharia (lei islâmica) e pune a relação sexual entre homens e entre mulheres. O artigo 281 criminaliza relações sexuais “sem compulsão, coação ou astúcia” entre duas mulheres, com pena até sete anos de prisão. A mesma sentença se aplica ao sexo entre dois homens, segundo o artigo 285. Por sua vez, o Catar opera os tribunais da sharia, nos quais é tecnicamente possível que dois homens sejam condenados à morte por manterem relações íntimas. Nesse caso, a pena costuma ser por lapidação ou apedrejamento.

a tratamento degradante na prisão, incluindo tortura física e a chamada “terapia de conversão” — um método polêmico para “torná-los” heterossexuais.

Até o início deste ano, inexistia no Catar qualquer tipo de registro sobre a situação das pessoas LGBTQIA+. “Quando eu abandonei o Catar, tive que solicitar asilo. Sem isso, não teria a chance de uma boa vida, por ser uma pessoa LGBTQIA+. Apesar de meu asilo, fui desacreditado várias vezes por

não existirem documentos oficiais sobre a situação dos gays em meu país”, comentou Nas. Ao sediar a Copa do Mundo, o Catar apresentou-se ao mundo como um destino turístico. “Com isso, a verdade teve que vir à tona. Eu esperei que alguma organização ou alguma pessoa do Catar rompesse o silêncio, mas não surgiu nenhuma voz pública. Descobri que não temos ninguém quando decidimos nos assumir. Resolvi sair do armário. Foi quando outras pessoas de meu país me

procuraram”, acrescentou.

Em outras nações islâmicas, a intolerância e a homofobia também estão institucionalizadas pela Justiça e pela religião. No Irã, dois ativistas LGBTQIA+ foram condenados à morte pela vaga acusação de “corrupção sobre a Terra”, por meio da “promoção da homossexualidade”. Na Malásia, além de punições rigorosas, os gays são submetidos aos mukhayyam — “programas” de “reabilitação” ou “cura”. Nos últimos anos, o governo censurou filmes, músicas e

eventos que supostamente promoviam os direitos LGBTQIA+. O Iêmen, por sua vez, castiga com 100 chicotadas ou um ano de prisão gays solteiros. Homens que vivem com outros homens podem enfrentar a morte por apedrejamento. A mesma sentença é aplicada por 12 estados do norte da Nigéria. A Arábia Saudita também adota o açoite para os “réus primárias”. Quem for reincidente pode ser executado.

Pesquisadora da HRW sobre Direitos LGBTQIA+ para o

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A preservação da moral e das tradições costuma ser usada pelos Estados para controlar os corpos e as identidades de indivíduos queer e transsexuais. Longe de servir ao interesse público, o policiamento da não normatividade visa preservar o status quo, defendendo os valores sociais patriarcais e justificando a negligência do Estado.”

Rasha Younes, pesquisadora da HRW sobre Direitos LGBTQIA+ para o Oriente Médio e o Norte da África

Oriente Médio e o Norte da África, Rasha Younes explicou ao **Correio** que a maior parte dos países da região — conhecida como Mena — criminaliza as relações entre pessoas do mesmo sexo. “Mesmo nações que não tratam a homossexualidade como crime, como Bahrein, Egito e Jordânia, utilizam ‘leis de moralidade’ espúrias, de devassidão e de prostituição para atingir as pessoas LGBTQIA+. Muitas vezes isso acontece sem base legal e de forma contrária ao direito internacional”, afirmou.

De acordo com Younes, governos do Oriente Médio e do Norte da África sustentam que a sociedade não está pronta para a “confusão” que a não normatividade representaria para suas ideologias regressivas. “Revolutas coletivas no Iraque, no Líbano e na Tunísia, por exemplo, têm mostrado que a solidariedade com os LGBTQIA+ às vezes ocorre nesses países e que parte da população apela contra formas de exclusão.”

Nas Mohamed admitiu que os muçulmanos homossexuais vivem na clandestinidade. “Eles precisam permanecer escondidos, no Oriente Médio. Há diferentes grupos que tentam mudar as coisas do modo como podem, mas têm que ficar na obscuridade. Quando você fica na clandestinidade, perde grande parte de sua capacidade de erguer a voz”, lamentou o ativista.

AFEGANISTÃO

ONGS suspendem atividades

ONGs estrangeiras anunciaram a suspensão das atividades no Afeganistão um dia depois de o regime Talibã proibir o trabalho de mulheres nesse tipo de organização. O Ministério da Economia comunicou a decisão no sábado, alegando ter recebido “denúncias” de desrespeito ao uso do véu islâmico — as afegãs são obrigadas a cobrir o rosto e o corpo inteiro —, e avisou que o descumprimento da ordem resultaria em perda de autorização para atuar no país.

“Enquanto não apresentam

mais explicações sobre o anúncio, suspendemos nossos programas e exigimos que homens e mulheres possam continuar, em igualdade de condições, com nossa ajuda para salvar vidas no Afeganistão”, afirmam, em comunicado, as Ongs Save the Children, Conselho Norueguês para os Refugiados e CARE. Logo em seguida, o Comitê Internacional de Resgate (IRC), presente no país desde 1988, tomou a mesma medida, alegando que 3 mil dos 8 mil funcionários são mulheres.

Representantes de ONGs e funcionários das Nações Unidas se reuniram ontem para discutir a situação. Há uma preocupação com os impactos da medida — calcula-se que mais da metade dos 38 milhões de habitantes pertencem a grupos minoritários durante o inverno rigoroso. Secretário-geral da Organização para a Conferência Islâmica (OIC), Hissein Ibrahim Taha apelou “fortemente” ao regime Talibã para rever sua decisão, considerando-a “contrária aos interesses do povo afegão”.

A proibição somou-se a um pacote de medidas que restringem o acesso das mulheres ao ensino formal e ao mercado de trabalho desde que o Talibã retornou ao poder, em agosto de 2021. Na semana passada, elas foram vetadas das universidades do país por “desrespeito” ao código de vestimenta. Desde março, estão proibidas de frequentar as escolas do ensino médio. Também foram excluídas de vários empregos públicos e não podem viajar sem a presença de um parente homem.

AFP



EUA: frio extremo mata ao menos 31

A tempestade de inverno mais rigorosa em décadas, nos Estados Unidos, deixou ao menos 31 mortos, em oito estados, de quarta-feira a domingo, período em que foram registradas temperaturas de até -48°C. A maioria das vítimas foi encontrada dentro de carros e na rua, em meio à neve. O clima extremo também levou ao cancelamento de dezenas de milhares de voos e deixou estradas intransitáveis no fim de semana do Natal (**foto**).